

O psicanalista é um sintoma

Tania Coelho dos Santos

Teorias sobre o final da análise

Como nascem os analistas? A questão parece muito fácil. Um analista é a consequência de uma análise, bem entendido, quando levada suficientemente longe. Esse tema, embora não tenha sido explorado por Freud - tão abertamente quanto o foi por Lacan - , pode ser rastreado através de suas considerações acerca dos impasses de uma análise.¹ Neste ensaio vou estabelecer uma equação hipotética entre os impasses da sexuação, e os impasses ao final de uma análise. Por meio dessa escolha, assumo o risco de elevar o destino do “repúdio da feminilidade” à dignidade de critério absoluto, de conceito do final da análise. Gostaria de poder ir um pouco mais longe no exame dessa questão, extraíndo as consequências da distinção que Freud propôs entre as relações libidinais com o rochedo da castração, em homens e em mulheres. Acredito que se trate de precisar o valor diferencial da metáfora paterna na sexuação. O repúdio da feminilidade, do lado masculino, quer dizer que um homem recusa-se a submeter-se a um outro homem. O repúdio da feminilidade, no caso das mulheres, não é o que parece. É verdade que elas permanecem fixadas à reivindicação fálica, mas há uma outra face da questão em jogo, é que se trata de uma manobra que as protege do intenso laço primitivo da menina com sua mãe. Eu concluo que o repúdio à feminilidade é responsável pela sexuação. Trata-se do osso de uma análise, e não é isso que convém dissolver.

Diferentemente de Freud, Lacan explicitou algumas teorias sobre as operações em jogo ao final da análise. Algumas delas são mais conhecidas. A análise, primeiramente, foi concebida como estando à serviço da metáfora paterna: ela promove a desidentificação ao falo e a assunção da castração. Nessa perspectiva, a neurose é o resultado da insuficiência da metáfora paterna em promover a separação da criança fálica de sua mãe. De acordo com Miller², somente na “Proposição de outubro de 1967” - quando Lacan procura instituir um dispositivo de verificação do final da análise, para regulamentar a passagem de analisando à analista, formula um mecanismo distinto da identificação: a queda do objeto a, que equivale a uma desilusão ou ao esvaziamento do saber outrora suposto ao Outro.

¹ Freud, S. (1937) Análise terminável e interminável, in : ESB : volume XXIII, Imago Editores, RJ, 1976

Penso que o passo mais interessante, deste esforço de formalização do final de análise, foi o de incentivar cada analista, com sua análise, a acrescentar algo sobre esse ponto de “não saber”, isto é, de gozo do Outro, que a queda do objeto a revela. Em 1975/76 Lacan afirma que: “O psicanalista não pode ser concebido de outra forma, senão como um *sinthoma*. Não é a psicanálise que é um *sinthoma*, é o psicanalista”.³ Essa proposição explica-se por meio da postulação de uma nova operação - a identificação ao *sinthoma* - ao término de uma análise. Que definição do *sinthoma* conviria melhor ao sentido dessa afirmação?

Vou ensaiar minha resposta a essa questão, apoiando-me na generalização da teoria do parceiro-sintoma. Se uma mulher é para um homem, um *sinthoma*, sabemos que a relação sexual somente existe, quando não há equivalência entre os sexos. “Ao nível do *sinthoma*, não há portanto equivalência sexual, quer dizer que há relação. Com efeito, se a não relação advém da equivalência, é na medida em que não há equivalência que se estrutura a relação. Haverá pois, ao mesmo tempo, relação sexual e não relação sexual. Lá onde há relação, é na medida em que há *sinthoma*, quer dizer, que o outro sexo se sustenta no *sinthoma*.”⁴

Em 1975/76, Lacan nos apresenta algumas fórmulas novas sobre a sexuação. Elas enfatizam a natureza do parceiro para um e outro sexo. Ele dirá que: “o homem é para uma mulher, tudo que lhes convier, uma aflição, pior que um sintoma.(...) Uma devastação mesmo”.⁵ Uma mulher é uma ajuda contra o homem⁶. Seria o psicanalista, também ele, uma ajuda contra? Sobre isso, Lacan adiciona o seguinte: “O psicanalista é uma ajuda sobre a qual, podemos dizer que se trata de uma reversão dos termos do Gênesis, pois o Outro do Outro, é o que eu acabo de definir, agora mesmo, como esse pequeno buraco aí. Que esse pequeno buraco, sozinho, possa fornecer uma ajuda, é nisso que a hipótese do inconsciente pode dar seu suporte.”⁷ Eu concluí sobre isso que: a psicanálise é o discurso analítico, no qual o objeto a ocupa o lugar de agente, mas o psicanalista é um parceiro *sinthoma*.

² Miller, J A (1997/98) Politique Lacanienne, EURL Huysmans, Paris 2001 pags. 51-56

³ Lacan, J. 175/76 Le Seminaire XXIII, Le Sinthome, Seuil, Paris, 2005 pags.135

⁴ Lacan, J. op. cit., 2005, pag 101

⁵ ibid

⁶ De acordo com a tradução da Bíblia, de André Chouraqui : « Deus criou uma ajuda contra o homem. »

⁷ Lacan, J. op. cit, 2005 pag.. 136

Lacan prossegue, precisando a natureza sinthomática do analista: “A hipótese do inconsciente, Freud sublinha, não se sustenta sem o Nome do Pai. Supor o Nome do Pai, certo, é Deus. É nisto aí, que a psicanálise, por triunfar, prova que do Nome do Pai, podemos também prescindir. Podemos prescindir, com a condição de nos servirmos.”⁸ Quero sublinhar que se trate de uma nova teoria do final da análise, uma reformulação da tese sobre a passagem ao ato de analisando à analista, enquanto uma *Verleugnung*.⁹ Uma redefinição da antiga fórmula - “*eu sei, mas, mesmo assim*” , por meio dos novos termos - “prescindir, saber se servir”. A primeira definição da posição do analista soa um tanto cínica: como é que alguém que chegou a admitir que o saber do inconsciente é um engodo, se oferece para sustentar a transferência para alguém? A segunda definição, convida a um engajamento na produção de saber sobre aquilo que o Outro não sabe, nem poderia saber. Passo a justificar meu ponto de vista.

Proponho uma primeira chave de decifração. Freud, como Lacan bem assinalou, deixou em suspenso a questão: o que quer uma mulher? O enigma do continente negro da feminilidade foi redefinido por Lacan como uma Outra satisfação, aquela que resulta da fala, mais além do princípio do prazer. Acredito que Lacan contribuiu decisivamente para distinguir a reivindicação do falo, própria à sexualidade feminina, da feminilidade propriamente dita. Ele propõe formalizar essa última por meio do matema S [A barrado]. Lacan equipara a feminilidade, o gozo da mulher - mais além do desejo fálico da mãe - ao Outro gozo. Esse Outro gozo, Freud o definiu por meio de uma energética, onde se opõem a pulsão regulada pelo princípio da constância, e a pulsão de morte, como vontade de retornar ao inanimado, ao zero de tensão libidinal. O phallus é o número que confere ao princípio do prazer sua medida de regulação, apesar de que Freud nunca o definiu assim.¹⁰ O Outro gozo, em termos freudianos, é o regime da pulsão de morte. Introduzo aqui meu argumento: a invenção do real de Lacan é um suplemento à energética freudiana. O real é sem lei, sem nome, sem a medida fálica que regula e submete todo o gozo ao princípio do prazer. O conceito de pulsão de morte, Lacan o reduz ao continente negro da feminilidade. Por meio de sua invenção do real, Lacan pode prescindir de Freud como Nome do Pai, depois de ter largamente se servido dele. Proponho interpretar assim a nova fórmula lacaniana, que

⁸ ibid

⁹ Lacan, J. 1967/68 O ato psicanalítico, lição de 28 de fevereiro de 1968 (inédito)

¹⁰ Lcan, J. op.cit, 2005 pag. 138

supera a tese da *Verleugnung* e redefine as condições necessárias ao advento de um analista. Ele toma agora a via de Joyce, da psicose e da sublimação, e não a via da perversão como fizera anteriormente.

Ume passo como esse, o do psicanalista Jacques Lacan em relação ao seu mestre (a invenção do conceito de real em lugar da pulsão de morte), seria um passo necessário ao advento de cada novo psicanalista? Suplementar Freud e Lacan, por meio do que ensina a experiência de cada cada um, seria este o novo critério para aferir se um dado candidato à psicanalista provou ser um *sinthoma*? Formalizo a essência do meu argumento, conforme se segue:

- 1) Um psicanalista é um efeito da crença no Nome do Pai, identificação com o desejo de Freud.
- 2) Um psicanalista é o efeito da descrença no Nome do Pai, desidentificação S1 como ideal.
- 3) Um psicanalista não é a consequência de uma passagem ao ato como *Verleugnung* do não-saber do inconsciente.
- 4) Um psicanalista é a consequência do ato de nomeação que introduz um significante inédito, a invenção de seu *sinthoma*.

Seria um absurdo esperar tanto assim dos candidatos a psicanalistas?

N' homeação e sexuação masculina

O ensino de Lacan, essa é sua marca distintiva, produziu uma série de formulações e formalizações sobre a função paterna. Lembro apenas algumas: imago, ideal do eu, metáfora, função, sintoma. Em qualquer uma delas, trata-se de formalizar sua incidência na humanização de um ser vivo. Em 1938¹¹, prenuncia o avanço do declínio da imago paterna e atribui uma grande número de psicoses à ausência do pai na família. Sua reflexão progride no sentido de operar uma certa diferenciação entre o pai de família e a função do significante do Nome do Pai. Essa diferença não efetua, entretanto, uma disjunção. O Nome do Pai é um significante especial no Outro pois designa: que o pai é aquele que priva a mãe do gozo do filho¹². O significante do Nome do Pai, em substituindo o

¹¹ Lacan, J. (1938) Les complexes familiaux dans la formation de l'individu, in : Autres Écrits, aux Ed. Du Seuil, Paris, 2001

¹² Lacan, J. Le Seminaire Livre IV (1956/57), Editions du Seuil, Paris, 1994 pags. 215-221

significante do desejo incognoscível da mãe, possibilita o advento de um sujeito como significação fálica. O pai n'homeia o desejo da mãe, vale dizer, regula o excesso da pulsão de morte, fixando um ponto limite pela interdição do incesto. O sujeito constitui-se entre a identificação ao significante do Nome do Pai e o recalque do referido objeto incestuoso: desejo incognoscível da mãe. Este último é também um dos nomes da pulsão de morte. É a *das Ding*, do Seminário 7, o desejo da mãe.

Observe-se que a n'homeação gira, nessa teorização, em torno das funções de pai e mãe, ainda que elevadas pela formalização do complexo edipiano, à dimensão de conceitos. A significantização do gozo¹³, contudo, guarda um enaltecimento do complexo edipiano. Assinalo que o pai significantizado é ainda mais mortificado, e que a mãe, elevada à dignidade da Coisa, condena o desejo a padecer dos efeitos da cláusula pétrea da interdição. Tomar a n'homeação na vertente da significantização acentua a mortificação do ser vivo pela ação do significante e reduz o gozo à vontade de transgressão.

Vale assinalar um intervalo, o movimento de passagem da Coisa às coisas¹⁴. Mesmo movimento que impulsiona o deslocamento do Nome do Pai aos nomes do pai. Corresponde aos seminários X e XI, onde nos apresenta o inconsciente propriamente lacaniano, como idêntico à estrutura de abre e fecha da pulsão. Movimento pulsional de alienação e separação, que equivale à uma redução teórica do enredo do Édipo freudiano às funções de identificação e recalque¹⁵. O inconsciente lacaniano promete não tomar o objeto do gozo como a Coisa, e sim sob a forma *light* das espécies da Coisa.

E quanto ao Nome do Pai? Como servir-se dele, sob a nova forma pluralizada? Como abordar as espécies do Nome do Pai? “Nunca falei do pai, senão como metáfora!”¹⁶. Lacan distingue sua formalização da confusão insistente, que parasita a transmissão do seu ensino, entre o pai real da castração e seu fantasma edipiano, o suposto agente da castração. Com **S1** no lugar de agente, na estrutura dos quatro discursos, uma vez que esse lugar pode ser também ocupado por S2, **a** e \$, ele demonstra que o complexo de Édipo é um mito (uma verdade, um saber, S2) e, portanto, um dos nomes do pai. Mais além do Édipo, n' homear é colocar o sexo, o gozo e a morte em discurso.

¹³ Miller, J. A . Les six paradigmes de la jouissance, in, La Cause Freudienne número 44, Navarin, Paris, 1999 (traduzido em Opção Lacaniana, números 26/27)

¹⁴ Miller, J. A . (1999) op cit. pags 14-18

¹⁵ Lacan, J. Le Seminaire Livre XI (1963/64) EDITIONS DU SEUIL, Paris, 1983

¹⁶ Lacan, J. L'envers de la psychanalyse (1969/70) , Editions du Seuil, Paris, 1991, pag 129

Em que se funda, agora, o ato de n'homeação? Defendo o ponto de vista de que na porta de entrada ao seu último ensino, no Seminário XX, Lacan eleva a diferença sexual ao lugar canônico outrora ocupado somente pelo significante mestre (S1). Ele parte da dissimetria dos sexos e também das suplências masculina e feminina. Os quatro discursos (1969/70), então, organizam apenas o modo masculino de nomear a relação sexual que não existe. N' homear, na vertente masculina, é submeter o sexo ao discurso da interdição e do recalque. É identificar-se ao traço unário, e isolar o objeto do gozo como fetichista. Servir-se do Nome do Pai, como significante da exceção, para nomear o gozo é um privilégio masculino. Por essa razão, um homem para tornar-se um psicanalista precisa prescindir do Nome do pai, com a condição de saber se servir. Para separar-se do pai como convém, é preciso tornar-se pai de um novo nome?

Sexualidade feminina e feminilidade

E quanto às mulheres? Como é que elas se tornam psicanalistas por meio de sua própria experiência? Minha hipótese é a seguinte: Lacan avança no Seminário XX uma outra modalidade de nomeação, a feminina, que não isola o gozo erotomaníaco por meio do objeto **a**. O gozo da mulher requer que o falo, “significante do seu desejo que ela encontra no corpo do homem”, funcione como via de acesso ao Outro gozo, com S (A barrado). O gozo com a fala, é o gozo com as palavras de amor que ela espera do parceiro, e que a definem com objeto causa do seu desejo. Do lado feminino, o ato de nomear o parceiro ancora o significante da identificação. O parceiro amoroso a n'homeia: a enaltece, ou a difama (dit femme).

Eis o passo necessário para compreendermos a fórmula inaugural a uma nova abordagem das relações entre nomeação e sexuação: “um pai não tem direito ao respeito, nem ao amor, se o-dito amor, o-dito respeito, não for, vocês não vão crer em suas orelhas, père(pai)-versamente orientado, quer dizer feito de uma mulher, objeto **a** que causa seu desejo (...)”¹⁷ Lacan acrescenta que a mulher acolhe o desejo do homem, mas o que lhe interessa são as crianças. O pai intervém nessa relação mãe e filho, raramente, e para garantir a repressão, nos melhores casos, com a versão particular de sua père (pai)-versão.

¹⁷ Lacan, J. RSI (1974/75), aula do dia 14 de fevereiro de 1975, inédita

Ele é um modelo, ele realiza o tipo, se a causa para ele é uma mulher que adquiriu para lhe fazer filhos. É isso a perversão paterna.

Tomar o pai enquanto vivo equivale, no movimento dessa nova teorização, à pluralizar os nomes do pai. É preciso extrair as consequências desse ponto de vista no que se refere à n'homeação e o gozo. Para compreender a incidência do Nome do Pai na constituição de um ser falante, temos que tomar a via singular do desejo de um homem por uma mulher, enquanto objeto a, causa do seu desejo.

A relação de cada analisando ao gozo deve algo, então, à particularidade do desejo fetichista masculino, e à modalidade do consentimento de uma mulher ao desejo do seu parceiro. Caso à caso, temos que levar em conta as relações de uma mulher ao falo (que ela localiza ou não no corpo deste homem) enquanto âncora do significante da identificação. Tornar-se mulher requer duas operações. A primeira é bem conhecida. Como a mulher não tem motivos para dissolver o complexo de Édipo, seu trabalho é o de transferir o amor ao pai – bem como o desejo de receber dele um filho como equivalente do falo - para o parceiro amoroso. O segundo passo se refere ao que Freud chamou de enigma da feminilidade. Para que o parceiro amoroso funcione como via de acesso ao Outro gozo, é preciso que uma mulher efetue uma separação a mais. Desta vez com respeito à posição de objeto suplementar ao gozo feminino da outra mulher, isto é, sua mãe. Como espero poder demonstrar ao final dessa exposição, por meio da experiência do passe, uma mulher precisa nomear esse gozo em excesso que a parasita, e por vezes devasta.

Para concluir, eu diria que a via que vai do Nome do Pai aos nomes do pai, passa pela autoridade infundada, obscura e oracular da diferença sexual. Cheguei a essa conclusão por meio de uma reinterpretação da teoria freudiana da sexuação. Não posso esclarecer tudo que devo às fórmulas lacanianas da sexuação, à teoria do parceiro e da partilha sexual segundo Miller. Com essas referências concluí que para prescindir do pai no complexo de Édipo, e de seu enredo surrado sobre as funções de interdição e incitação ao desejo proibido, é preciso localizar a incidência da sexualidade dos pais no sintoma de um sujeito. Quando os semblantes paternos vacilam, é preciso reaprender a localizar o mais essencial da função paterna. Aquilo que a define em seu próprio osso, reduzida à sua escrita mais elementar e a mais despojada de seus braços idealizantes. É preciso apreendê-la na ordem dos efeitos de um dizer cuja autoridade é infundada, obscura e

oracular. Essa autoridade, eu reduziria simplesmente ao fato arbitrário, sem sentido, da pura diferença sexual e da profunda dissimetria das relações do homem e da mulher ao gozo.

Jacques Alain Miller, em *Uma partilha sexual*¹⁸, sublinha, justamente o laço do homem ao “Ter”. Reinterpretando o complexo de castração, faz do homem um indivíduo essencialmente prudente, tímido, que não arrisca confrontar a exceção. Miller nos apresenta a essência do homem: sua sujeição ao modelo, à norma fálica. Essa releitura do repúdio da feminilidade do lado masculino, esclarece que não é a submissão ao outro homem, que é uma dado da estrutura do masculino, que o homem teme mais essencialmente. Eles repudiam as modalidades do gozo infinito, sem limites, que são apropriadas ao comportamento de quem não tem “nada a perder”, isto é, das mulheres.

A sexualidade feminina (*Weiblich sexualität*) não era para Freud um mistério ao final do seu percurso. As mulheres desejam o pênis e, pelo fato de não tê-lo, isso as afasta de suas mães. Elas endereçam ao pai seu desejo de receber dele o falo ou um equivalente seu, um filho. Essa demanda é a esperança mais profunda que uma mulher alimenta ao longo de toda uma vida, e que não abandona facilmente. Essencialmente, porque não há para ela a divisão - típica da constituição psíquica masculina - entre o objeto do amor e o do desejo. As mulheres não tem um supereu pós-edipíco, sua relação ao gozo é sem limites, não se regula pela norma fálica, pois são infensas à ameaça de castração, não tem nada a perder e esperaram tudo receber. Foi bem isso que Freud elaborou como o tipo de caráter que deseja ser tratado como exceção¹⁹. O desejo de ser tratada como uma exceção, especifica o desejo feminino como sendo essencialmente da ordem da demanda de amor. Isso explica os três destinos da sexualidade feminina segundo Freud; o complexo de masculinidade, a inibição da sexualidade e a maternidade (a herança do útero).

Segundo Freud, entretanto, a sexualidade feminina se reduz à reivindicação fálica. Também as mulheres repudiam a feminilidade (*Weiblichkeit*), esse continente negro, inexplorado. Lacan introduz, no Seminário XX, uma formalização inédita desse famoso enigma da feminilidade. Constatamos com assombro, que depois de nos ter nos formado para aceitar uma teoria da universalidade do sujeito do significante, ele retoma de Freud a

¹⁸ Miller, J. A . *Uma partilha sexual*, in : Clique número 2, Revista do Instituto Brasileiro de Psicanálise do Campo Freudiano, Belo Horizonte, MG, 2003

¹⁹ Coelho dos Santos, T. et Azeredo, F. *A Um tipo excepcional de caráter*, in : *Psyché*, ano IX, número 15, dezembro de 2005

distinção nítida entre dois campos da sexuação. Ele advoga que como a relação sexual não existe, então, há sintoma.

Sua formalização inclui toda a dialética dos sexos, e toda a dissimetria entre a angústia masculina de castração, e a reivindicação fálica feminina. Ele dá um passo além de Freud, ao designar o continente negro da feminilidade por meio de campo novo, S (A barrado) onde se localiza o Outro gozo da mulher. Esse campo não se regula pelo falo, não é contável, substituível, localizado. Esse outro campo se orienta pelo real, pela lógica do não todo, isto é do infinito do gozo ímpar, pura diferença, sem limites. As mulheres somente têm relação com a lógica fálica por meio de uma contingência: quando localizam no corpo do homem o órgão que é seu suporte. Embora elas consintam em abrigar o causa do desejo deles (um fetiche), mais profundamente, elas querem ser amadas. Trata-se, de por meio dele, do parceiro, alcançar um Outro gozo, o gozo narcísico, que eu conceituo como a experiência auto-erótica de gozar de si mesma como objeto de amor. Acho que Lacan efetuou uma tradução belíssima da famosa intuição freudiana: “a mulher visa por meios ativos obter fins passivos”. O impasse feminino, entretanto, tem menos relação com a reivindicação fálica do que com os restos do complexo edipiano, sua fixação nas decepções de sua mãe com o falo, que a impedem de fazer de um homem a via de acesso ao outro gozo, S (A barrado).

Com base no depoimento de passe de Dominique Laurent pudemos isolar a face de devastação da relação de uma mulher com sua mãe. Convencionamos que o que devasta a filha é o gozo feminino, outra face do desejo da mãe. Uma mulher se divide em mulher e mãe. Enquanto mãe, seu desejo se regula pela norma fálica. O gozo da mulher, entretanto, não se regula pelo falo, sempre o excede, transborda e até destitui. Para uma menina, essa pode ser a ocasião para oferecer-se como o objeto que satisfaria a exigência pulsional feminina, sem lei, de sua mãe. No lugar de consentir em localizar o objeto causa do desejo para um homem, ela pode - por meio de seus sintomas - oferecer-se para dar uma resposta ao enigma do desejo da outra mulher.

Somente nesse sentido se pode falar de uma fantasma a atravessar no caso feminino. Como uma mulher geralmente não divide amor e sexo, o fantasma de completar a outra mulher, de amenizar a decepção materna com a impotência fálica é o único sentido que consigo conferir a esse termo do lado feminino.

A identificação ao sintoma

Todo ser falante é um sintoma da não equivalência entre os sexos. Ele é um sintoma, na medida em que advém nesse lugar: entre os recursos para fazer existir a relação sexual entre um homem e uma mulher. Para um homem, seu filho homem é o seu algoz, ou o seu sucessor. Para uma mulher, sua filha se inscreve em duas vertentes: a fálica e a da devastação. Ela é a outra mulher que infinitiza a triangulação edipiana primitiva, que talvez não seja nunca completamente dissolvida. Ela pode ser ainda o objeto que alimenta sua voracidade pulsional devastadora.

Um menino precisa identificar-se com seu pai, servir-se dele, amá-lo o bastante para receber um lugar na sucessão geracional. Essencialmente, isso organiza a subjetividade masculina em torno da ameaça de castração. Para um homem, ao final de sua análise, trata-se de poder prescindir um pouco desse amor, que é também uma rivalidade recalcada. Trouxemos como exemplo bem sucedido, a invenção do real de Lacan, que dá um passo além de Freud como o Nome do Pai.

Gostaria de desenvolver um pouco mais a tese de que esse axioma – prescindir, saber se servir - não se aplica ao final da análise de uma mulher. Uma mulher não se identifica ao pai. Para ela, o pai, e também o homem que ela elegeu como seu parceiro libidinal, são amados enquanto um ideal, um ponto limite, ou uma garantia contra o excesso pulsional. Para uma verdadeira mulher, a posição que convém é sempre um tanto à deriva no campo da identificação. Falar em identificação, ou em desidentificação ao ideal, me parece inadequado para descrever o laço da mulher com o ideal, pois ele é localizado no Outro paterno, ou em seus substitutos e não nela própria.

O ponto de conjunção com o Outro, do qual uma mulher precisa separar-se, é uma tentação irresistível que parasita sua existência: oferecer-se como objeto para emprestar consistência às queixas da outra mulher, sua mãe. O falô não pode nunca recobrir toda a exigência pulsional de uma mulher, mesmo quando essa equação funciona bem. Resta sempre uma certa erotomania à deriva, que se transmite de mãe à filha. Freud percebeu a importância dessa ligação. Ele a designou como um período creto-micênico das relações de uma menina com sua mãe²⁰. Na clínica com as mulheres observamos essa

²⁰ Freud, S. (1933[1932] Feminilidade, in : ESB, volumeXXII, Imago Editores, R.J., 1976

vertigem da infinita cumplicidade feminina. O osso duro do sintoma feminino é feito da desesperança com a desigualdade entre os sexos.

Quem acompanhou os ensinamentos de Dominique Laurent²¹ sobre o feminino, com base na sua experiência do passe, terá talvez observado esse ponto. O ponto mais essencial de sua análise não é o desejo de ser médica para salvar um pai – ex-combatente de guerra, de seus padecimentos físicos. A partida se joga para ela em torno de seus sintomas de mutismo e anorexia, que condensam o gozo pulsional de se fazer devorar, dando de comer à voracidade melancólica da mulher frustrada que é sua mãe. Seu relato de passe esclarece qual é o passo que ela deu para se tornar uma mulher, livre de seus sintomas, e por conseguinte, uma analista. Seu desafio foi o de encontrar um nome particular para o continente negro da feminilidade. Ela nomeia o gozo dessa mulher, sua mãe, durante um sonho, - por meio do significante Rainha da Noite - após a interrupção de sua análise sob forte transferência negativa. Esse ponto remete ao mais particular do gozo feminino em sua mãe. Só lhe foi acessível quando sua analista repetiu as palavras destrutivas desta mulher sobre a condição debilitada de seu pai, expondo ao ridículo a posição de salvadora que ela assumiu em relação a ele. Salvar o pai, um ex-combatente gravemente ferido, talvez impotente, elevando-o a dignidade do Rei sol, enseja sua escolha pela medicina.

Nomear o gozo feminino a desprende do lugar de sintoma do desencontro da relação entre seus pais, separando-a dessa ambição nociva e desvairada de suplementar o que falta à outra mulher. Podemos verificar que o efeito terapêutico de uma análise, “quando ela triunfa”, é essa dissolução do complexo edipiano, pois reforça a ancoragem de um sujeito ao seu parceiro libidinal na realidade. Diferentemente de Freud, podemos afirmar que a castração ao final de uma análise não é um impasse. Sexuar-se como convém ao seu sexo, é para todo ser falante, uma experiência de retirada da libido dos fantasmas edipianos para reinvesti-la no objeto da realidade.

É no campo da escolha amorosa que vemos efetuar-se uma nova ancoragem ao gozo fálico. Penso que é apenas na medida em que um homem serve de bússola, ou de ideal para uma mulher, que a desidentificação ao supereu como imperativo de gozo, renova o circuito pulsional. A relação vital ao falo que um homem encarna, é a condição de um novo modo de acesso ao S de A barrado, pela via da sexuação. No lugar de completar a mulher

insatisfeita que sua mãe foi, trata-se de servir-se do desejo do homem como via de acesso ao gozo do amor.

O sintoma, ao final da análise, é de outra ordem. Trata-se da relação ao parceiro libidinal da vida sexual. Quero insistir sobre esse ponto: temos duas vertentes em jogo na análise de uma mulher. Trata-se de substituir o pai pelo homem. E ainda, de substituir a vertigem de completar outra mulher, pela demanda autêntica de amor. No lugar da relação ao ideal paterno, um homem como bússola, herói, ou qualquer outra ancoragem da identificação. No lugar da posição de objeto a para o gozo de uma outra mulher, consentir em abrigar o objeto fetiche para o desejo de um homem, para só então, reunir as condições para exigir dele o gozo a mais, o Outro gozo..

O depoimento de passe de Dominique Laurent ensina que uma mulher, ao final de sua análise também precisa dar um passo a mais, além de separar-se de sua mãe. A construção de um saber sobre o continente negro da feminilidade, sobre o gozo obscuro em jogo nas relações de uma menina com sua mãe, depende da singularidade do caso. Somente assim podemos avançar o saber da psicanálise sobre os impasses cruciais do complexo de castração. Talvez se possa concluir conforme se segue: um homem precisa saber servir-se do pai, para poder prescindir dele, e ir além. Uma mulher precisa dar um nome ao que não tem nome, nem nunca terá. À cada um seu impasse, e seu sintoma.

Uma vez mais, não é a psicanálise que é um sintoma, é o psicanalista.

²¹ Laurent, D. O sujeito e seus parceiros libidinais : do fantasma ao sintoma in : aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa, número 2 www.nucleosephora.com/asephallus